

2

A abordagem processual da tradução

A abordagem processual da tradução é um ramo dentro dos Estudos da Tradução que tem grande afinidade com a Psicolinguística e a Psicologia Cognitiva.

Este capítulo pretende apresentar essa abordagem, mostrando os objetivos das pesquisas inseridas nessa área, as metodologias e as principais ferramentas utilizadas nos estudos relatados, bem como os principais modelos do processo tradutório, que tentam explicitar as estratégias utilizadas pelos tradutores (como traduzem, que subsídios utilizam na resolução de problemas, que etapas do processo tradutório são seguidas etc.) e como se dão as operações mentais durante a tradução.

2.1

Introdução

A abordagem processual da tradução surgiu no meio da década de 1980, na Alemanha, impulsionada pela insatisfação com os modelos de tradução até então desenvolvidos e com o foco das pesquisas em tradução – o produto, ou seja, o resultado do processo tradutório, sem levar em consideração o tradutor. Os modelos de tradução anteriormente propostos careciam de embasamento empírico, e as pesquisas desenvolvidas em tradução simplesmente focavam os resultados tradutórios e a dicotomia certo/errado, sem levar em conta o processo que levou o tradutor a optar por uma solução em detrimento da outra e até mesmo sem considerar o tradutor (o seu conhecimento, a sua cultura, a sua experiência, o seu modo de trabalhar etc.).

Autores como Hans P. Krings (1986), Frank G. Königs (1987), Hans H. Höhlig (1988/1995), Lörcher (1991/1996); Paul Kußmaul (1995) e Alves (1996), insatisfeitos com o rumo que os estudos da tradução estavam tomando, passaram a estudar a tradução sob o ponto de vista processual, à luz da Psicologia Cognitiva e da Psicolinguística. Os trabalhos nessa nova linha de pesquisa dentro dos Estudos da Tradução, além de focarem as estratégias do processo tradutório em si, visam a investigar “o processamento de informação durante o processo da tradução e,

também, quais variáveis exercem uma influência no processo da tradução (*i.e.* a proficiência dos tradutores, o texto a ser traduzido)” (Rodrigues, 2008: 25).

Além de ser caracterizada como um ato de comunicação e uma operação textual (Hurtado Albir & Alves, 2009), a tradução é um processo cognitivo. Pode-se dizer que, ao transferir sentido de uma língua para outra, o tradutor conta com um processo mental que apresenta “sofisticadas habilidades de processamento de informação” (Bell, 1998: 185)⁵.

Como toda a comunicação humana se baseia na habilidade de processar informações, os estudos psicolinguísticos sobre a tradução pretendem, em essência, estabelecer como os tradutores e intérpretes processam a informação, de forma distinta de outros falantes e escritores e também de outros tradutores (Bell, 1998: 185)⁶.

A tradução não envolve apenas o domínio de línguas, mas também processos mentais altamente complexos, além da utilização de procedimentos e estratégias por parte dos tradutores para solucionar problemas.

Já que o processo tradutório não pode ser diretamente observado, para entender como essa complexa atividade ocorre, os pesquisadores se utilizam de métodos introspectivos, como os protocolos verbais, que são “uma ferramenta de coleta de dados através da qual o sujeito descreve, verbalmente, seus pensamentos, decisões, procedimentos etc. enquanto realiza uma tarefa [protocolos consecutivos] ou logo depois que a conclui [protocolos retrospectivos]” (Gonçalves, 2003: 83). Além disso, os protocolos verbais podem ser atrelados a ferramentas computacionais, tais como o Translog© e o Camtasia©, e, ainda, às técnicas de rastreamento ocular, que serão apresentadas na seção a seguir.

Mesmo que a tarefa de desvendar o que se passa pela mente humana seja algo praticamente impossível, o resultado da associação – ou melhor (utilizando a nomenclatura da abordagem processual), da triangulação⁷ de métodos introspectivos com as informações fornecidas pelos *softwares* mencionados e com

⁵ (...) sophisticated information processing skills (...).”

⁶ “Since all human communication relies on the ability to process information, psycholinguistic studies of translation essentially set out to establish how translators and interpreters process information, both as distinct from other speakers and writers and distinct from each other.”

⁷ A metodologia de triangulação advém das Ciências Sociais, que já têm a tradição de atrelar dados quantitativos aos qualitativos. A triangulação de dados vem ganhando força como opção metodológica dentro da abordagem processual da tradução.

o método de rastreamento ocular – pode incrementar os modelos do processo tradutório disponíveis, de modo a fornecer algumas pistas sobre os mecanismos processuais e mentais presentes no ato da tradução e sobre como se dá o processo tradutório em si.

Dessa forma, é possível afirmar que as pesquisas dentro da abordagem processual da tradução se afastam dos modelos que se preocupavam em descrever os procedimentos técnicos da tradução a partir de traduções prontas, ou seja, comparando original e tradução, sem analisar “rascunhos, prefácios, anotações”, entrevistas e sem utilizar programas de computação etc. (Barbosa, 2004). Como exemplos de modelos voltados para a caracterização apenas de procedimentos técnicos, Barbosa (2004) cita os modelos de Vinay e Dalbernet (1977); Nida (1964); Catford (1965); Vásquez-Ayora (1977) e Newmark (1981).⁸

Na seção a seguir, será apresentado o estado da arte das pesquisas inseridas na abordagem processual da tradução.

2.2

As pesquisas sobre o processo de tradução – o estado da arte

Conforme apontam Orozco e Hurtado Albir (2002: 377), os estudos nessa área são muito heterogêneos (tratam do treinamento em tradução, da competência tradutória, do processo tradutório, dos problemas e das estratégias de tradução, dos protocolos verbais como instrumento de medida de processos conscientes e inconscientes etc.).

Muitos deles utilizam um número pequeno de sujeitos, grupos bastante heterogêneos de participantes, textos pequenos e/ou inadequados; apresentam

⁸ O modelo de Nida (1964) se diferencia dos demais na medida em que, por meio de uma visão gerativa da língua – fundamental para o tradutor, segundo o autor –, Nida acredita que o tradutor deva ir além da simples comparação das estruturas correspondentes nas línguas-fonte e alvo. Além disso, segundo Barbosa (2004: 32-33), da visão gerativa da língua (“língua como um mecanismo dinâmico capaz de gerar uma série infinita de enunciados diversos”) “resulta o primeiro modelo operacional da tradução”, proposta por Nida (1964), que é dividido em três etapas. Na primeira delas, reduz-se “o texto original a seus núcleos (*kernels*, cf. Chomsky, 1957) mais simples e semanticamente mais evidentes”. Na segunda, transfere-se o significado da língua-fonte para a língua-alvo em um nível mais simples do ponto de vista estrutural. Por fim, na terceira etapa, gera-se uma “expressão estilística e semanticamente equivalente na língua da tradução”. Sendo assim, percebe-se uma tentativa de explicitação da ação do tradutor e do processo de tradução e não do produto em si. Apesar de descrever algumas etapas do processo tradutório enquanto os outros modelos prescreviam procedimentos e estratégias a serem adotados, observa-se que o modelo de Nida ainda estava longe de descrever e detalhar os processos mentais envolvidos na atividade tradutória.

objetivos pouco claros ou muito ambiciosos e metodologia e ferramentas inapropriadas e/ou não explícitas, que não eliciam de forma adequada os dados desejados. Por exemplo, há pesquisas com generalizações estabelecidas a partir da análise de apenas um sujeito, comparação entre tradutores profissionais e alunos de língua estrangeira, análise de textos literários traduzidos por alunos de língua estrangeira e, muitas vezes, a utilização de protocolos verbais (que são úteis para deprender processos conscientes) para investigar processos não conscientes.

Essa variedade de objetos de estudo, metodologia e sujeitos da pesquisa acaba fazendo com que haja pouco diálogo entre as pesquisas em desenvolvimento, o que também dificulta a elaboração de um modelo robusto a partir das conclusões dos estudos (Orozco e Hurtado Albir, 2002).

Nas subseções a seguir, serão caracterizados os objetos de estudo das pesquisas na área processual da tradução, a metodologia e as principais ferramentas utilizadas nessa área e também alguns estudos mais recentes, que trazem discussões importantes acerca do comportamento dos tradutores e do processamento em tradução, que serão úteis para a sistematização de um modelo do processo tradutório, apresentada no capítulo 10.

2.2.1

O(s) objeto(s) de estudo das pesquisas sobre o processo de tradução

Os trabalhos da área dos estudos processuais da tradução normalmente analisam e comparam as estratégias de tradução adotadas por dois grupos, como, por exemplo, o de tradutores experientes e tradutores novatos, de tradutores experientes e alunos de tradução, de tradutores experientes e pesquisadores ou, ainda, de tradutores e alunos de língua estrangeira. O objetivo desses trabalhos é, principalmente, avaliar o processo tradutório desses grupos, por meio da análise do tempo dedicado às fases de orientação (fase antes de começar a tradução, que pode consistir na realização de uma leitura rápida para que o tradutor se familiarize com o texto), redação (em que se produz o texto de chegada) e revisão (em que se volta às pendências e são feitos pequenos ajustes) (Jakobsen, 2002) e também por meio de operações tanto mais automáticas quanto mais conscientes envolvidas na tradução.

Além disso, verificam-se e contrastam-se os procedimentos adotados pelos tradutores (estratégias de tradução, tipos de segmentação, tipos de consulta etc.), o papel dos procedimentos inferenciais na tradução (Alves e Gonçalves, 2003 e Alves, 2007) e o efeito da pressão de tempo na tradução (Liparini Campos, 2006; 2010), de modo a tentar desvendar o processo cognitivo envolvido na atividade tradutória.

Há também pesquisas voltadas para o estudo da competência tradutória e aquisição da mesma (como, por exemplo, a do Grupo PACTE – Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation), visando a preencher a lacuna dos modelos sobre a competência tradutória.

É importante destacar, também, que alguns teóricos da área dos estudos processuais da tradução (Alves e Vale, 2009/2011; Alves e Gonçalves, 2013) investigam o papel do esforço cognitivo – termo utilizado em pesquisas que atrelam a Teoria da Relevância à tradução – na resolução da tarefa tradutória utilizando-se da Teoria da Relevância⁹ (Sperber e Wilson 1986/1995) aplicada aos Estudos da Tradução (Gutt, 1991/ 2000 e Alves, 1996a/1996b/1997), que, “em termos de processamento inferencial, postula que há uma relação cognitiva ótima entre o esforço de processamento mínimo necessário para a geração do maior efeito cognitivo possível”¹⁰, buscando-se, portanto, um princípio de economia

⁹ A Teoria da Relevância (TR) é uma teoria linguística na área da pragmática estabelecida por Sperber e Wilson (1986/1995) que busca uma abordagem cognitiva para o processamento pragmático dos enunciados. Segundo Alves (2001: 7), a Teoria da Relevância “é uma teoria que enfoca justamente a configuração e operacionalização de processos cognitivo-pragmáticos”, apresentando-se, assim, “como um instrumento promissor para a investigação dessas inter-relações”. Ainda segundo o autor, “Sperber e Wilson defendem uma mudança paradigmática que abre mão do processamento pragmático meramente linguístico, em favor de uma abordagem cognitiva para o processamento pragmático dos enunciados”. Através da TR, Sperber e Wilson acreditam que “a comunicação humana é resultado de um processo de interação entre emissores e receptores”, que, quando processam informações de cunho linguístico, “alteram mutuamente seus ambientes cognitivos”. No entanto, a alteração não ocorre com os simples processos de codificação e decodificação da mensagem, nem ocorre no outro extremo, com base no princípio de cooperação de Grice (1975). Alves aponta que, “[d]e acordo com a TR, esta cooperação não é uma condição necessária nem suficiente para que a comunicação ocorra”, fato exemplificado pela tradução, em que (quase sempre) não há uma cooperação entre autor e tradutor. O princípio da relevância é responsável por “gerenciar processos inferenciais a partir do menor esforço cognitivo possível a fim de se obter o maior efeito contextual”. “(...) Trata-se da operacionalização de processos cognitivos com uma alta relação custo-benefício que busca otimizar o processamento de insumo significativo de forma a potencializar seus desdobramentos inferenciais” (Alves (2001: 7-32).

¹⁰ “(...) in terms of inferential processing, [such theory] postulates an optimal cognitive relation between the minimum processing effort necessary for the generation of the maximum cognitive effects possible (...)”.

(Alves e Gonçalves, 2013: 108)¹¹. Questões relacionadas a custo serão retomadas no capítulo 6, quando custo for atrelado à tradução.

Estudos mais recentes têm tido uma preocupação maior em identificar a sistematicidade do processo tradutório, bem como os tipos de estratégias e procedimentos tradutórios mais inconscientes, adotados por tradutores experientes ou novatos. Esses tipos de pesquisa (Carl, 2010; 2013 e Carl e Jakobsen, 2009; Carl et al., 2011c) tentam estabelecer um diálogo entre a abordagem processual dos Estudos da Tradução e o Processamento de Linguagem Natural, com o intuito de investigar os processos subjacentes à tradução, contribuindo para uma melhor compreensão do processo de tradução (por meio da observação de dados do Translog© e do rastreador ocular), de modo a auxiliar e aperfeiçoar os sistemas de tradução por máquina.

Outros estudos recentes [Carl et al. 2011a, Aquino (no prelo); Koglin (no prelo), Sekino (no prelo)¹²] têm comparado a atividade tradutória, seja ela auxiliada por ferramentas de tradução ou não, ao processo de pós-edição, que consiste em revisar e aperfeiçoar as traduções realizadas por máquinas, como a do Google Tradutor, por exemplo. O objetivo desse tipo de pesquisa é contrastar o resultado tradutório de uma tradução humana com a tradução automática revisada por humanos, avaliar a produtividade das duas atividades (o tempo despendido em cada uma delas), bem como verificar, por meio do uso do rastreador ocular (*eyetracker* em inglês), o número e a duração de fixações do olhar durante a tradução e a pós-edição, de modo a mapear o esforço de processamento nas duas tarefas. Além disso, os estudos pretendem verificar a progressão da tradução, ao se observar se o tradutor fixa o olhar na palavra do texto-fonte que está traduzindo, se fixa o olhar em outra palavra mais à frente ou atrás no texto etc.

¹¹ A Teoria da Relevância traz para a abordagem processual da tradução discussões relativas a esforço cognitivo e efeito contextual “entre uma forma proposicional na língua de partida e sua contrapartida na língua de chegada, qual seja, uma forma proposicional semelhante àquela veiculada através da língua de partida”. Dessa forma, o tradutor transfere para o texto-alvo as informações que foram conceitual e procedimentalmente codificadas para então “estendê-las inferencialmente a fim de incorporar as expectativas do círculo receptor no contexto do texto de chegada”. Considerando a TR aplicada aos Estudos da Tradução, pode-se dizer que, para escolher uma tradução dentre várias opções, o tradutor manipula de forma consciente e habilidosa informações linguísticas que são codificadas conceitual e procedimentalmente no texto-fonte para que sejam produzidas no texto-alvo. O objetivo é que o tradutor reproduza no texto-alvo todas as implicaturas e explicaturas do texto-fonte com a menor perda de significado possível, o menor esforço cognitivo e o maior efeito contextual. Para uma visão mais completa da Teoria da Relevância aplicada aos Estudos da Tradução, conferir Alves (2001) e Alves (2006b).

¹² Os trabalhos de Aquino, Koglin e Sekino são teses de doutorado em andamento, que estão sendo desenvolvidas na UFMG sob a orientação do Prof. Fabio Alves.

Com esse tipo de informação, é possível verificar se as unidades de tradução correspondem a palavras ou a grupos maiores, como sintagmas ou sentenças; se o tradutor busca uma maior contextualização (o que é compatível com movimentos do olhar para trechos que se seguem ao que está sendo traduzido), lendo-o primeiro e depois o traduzindo, ou se ele lê enquanto traduz. É possível também verificar se a revisão se dá enquanto se traduz (revisão *on-line*) ou após a atividade de tradução (revisão final). Embora a presente pesquisa não tenha feito uso do rastreamento ocular, dados do Translog© e do Camtasia© podem sugerir, ainda que com menos precisão do que o rastreador ocular, se os tradutores experientes participantes do estudo inicial leem enquanto traduzem, se fazem uma revisão enquanto traduzem ou apenas após a atividade etc. Esse assunto será retomado no capítulo 7.

Outra tendência também mais atual dos estudos processuais da tradução é investigar a influência da tecnologia no modo como se traduz, principalmente, quanto à segmentação da tradução¹³. Esse tipo de pesquisa dialoga com outras da área e também traz informações relevantes acerca do comportamento do tradutor ao longo do processo tradutório. Dragsted (2004) *apud* Alves (2006a), em sua tese de doutorado, constata que os sistemas de memória de tradução influenciam a segmentação da tradução. De acordo com o estudo da pesquisadora, a segmentação do texto traduzido difere bastante da segmentação realizada quando os tradutores são auxiliados por ferramentas de memória de tradução¹⁴. Enquanto a segmentação nas ferramentas de tradução faz uso de regras que estabelecem os pontos finais, dois pontos, pontos de exclamação e interrogação e ponto e vírgula como separadores, o tradutor, sem auxílio de ferramentas, tende a segmentar o texto em unidades significativas, que variam conforme sua experiência, relação com o texto, conhecimento do assunto traduzido etc.

¹³ Segmentação da tradução se refere a como os tradutores focam a atenção no texto-fonte na hora da tradução, ou seja, se eles produzem uma tradução palavra por palavra, ou mais no nível do sintagma ou até da oração. A segmentação varia de tradutor para tradutor, segundo as necessidades cognitivas e processuais do mesmo.

¹⁴ Ferramentas de memória de tradução consistem de arquivos onde o texto original é armazenado e as traduções são inseridas. As ferramentas são utilizadas para auxiliar o tradutor a uniformizar uma tradução de grande volume e, assim, otimizar o seu tempo. Esse tipo de ferramenta mostra, por exemplo, um segmento no texto-fonte (que normalmente é uma frase) para o tradutor, e este insere a tradução do mesmo. Em uma futura tradução, se houver o mesmo segmento a ser traduzido, o programa irá buscar na memória de tradução o segmento traduzido correspondente, e caberá ao tradutor aceitá-lo ou não como uma solução adequada. As ferramentas de tradução não serão abordadas nesta pesquisa.

Ainda nessa mesma linha, a pesquisa de Asadi e Séguinot (2005) aponta para uma mudança de padrão de segmentação a partir da utilização do computador. Em um estudo realizado com nove tradutores profissionais que traduzem o mesmo tipo de texto (da área médica) no mesmo ambiente de trabalho, as pesquisadoras puderam perceber dois estilos diferentes durante o ato tradutório. O primeiro deles é denominado *prospective thinking* (pensamento prospectivo). Nele, os tradutores traduzem mentalmente um trecho e só depois começam a digitá-lo. Decisões tradutórias e mudanças ocorrem antes de o tradutor digitar o texto. Nesse tipo de procedimento, o tradutor segmenta o texto em trechos maiores, mais próximos do nível da sentença, e realiza pouquíssimas mudanças durante a tradução. Esse procedimento é muito parecido com as estratégias utilizadas pelos tradutores na época em que digitavam em uma máquina de escrever, em que a tarefa de voltar no texto e fazer alguma correção era bastante trabalhosa e comprometia todo o trabalho.

Já o segundo procedimento, denominado pelas autoras de *on-screen translation* (tradução na tela), consiste na tradução enquanto se lê. Nesse tipo, normalmente, o tradutor não se preocupa em ler um trecho primeiro. Como traduz à medida que vai lendo, ele segmenta o texto em unidades menores, no nível do sintagma e, às vezes, até da palavra. Esse procedimento tornou-se comum após a utilização em massa do computador. Com o avanço tecnológico, ficou mais fácil voltar no texto, corrigir, fazer ajustes de ordem sintática, vocabular etc. Sendo assim, passou-se a dar mais valor à revisão do texto.

No primeiro procedimento descrito, as decisões eram tomadas antes da tradução. Dessa forma, supõe-se que o tradutor se antecipava aos problemas e traduzia trechos maiores de cada vez. A tradução já era quase o produto final; não havia muitas mudanças após a digitação do texto traduzido. Já no segundo processo descrito, percebe-se que os problemas aparecem durante e ao longo do processo tradutório. Sendo assim, são necessários vários ajustes e uma atenção maior à revisão. O produto final difere bastante do “rascunho” produzido no primeiro momento. A segmentação também se dá em níveis menores.

Abaixo, a reprodução do modelo dos dois tipos de processo:

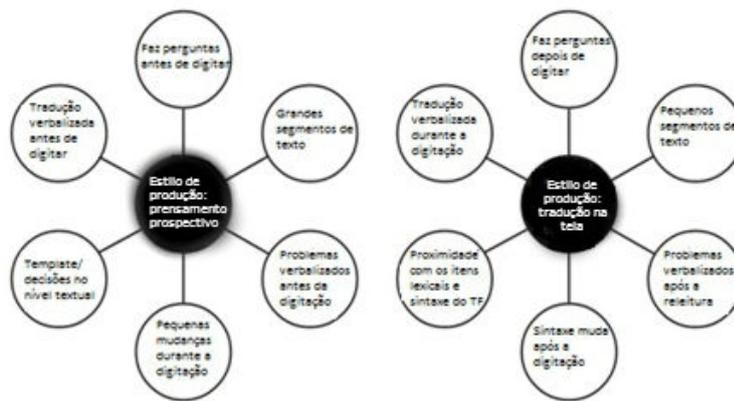


Figura 1: *Prospective Thinking* (pensamento prospectivo) e *On-screen translation* (tradução na tela). Reproduzido e adaptado de Asadi e Séguinot (2005: 527)¹⁵.

Esse tipo de pesquisa traz informações importantes acerca do processo tradutório no sentido mais amplo, pois discute qual é a unidade de tradução¹⁶ significativa para o tradutor, evidencia algumas estratégias quanto a tomadas de decisão e resolução de problemas e também mostra dois tipos de procedimentos, que estão relacionados a como se dão a compreensão e a produção (se de forma sequencial ou simultânea). Além disso, provê informações quanto à monitoração da atividade (pouca revisão, revisão ao longo do processo ou ao final do processo etc.). Tais informações podem estar diretamente relacionadas ao custo envolvido

¹⁵ As figuras mostradas neste capítulo que apresentam diagramas ou modelos originalmente representados em inglês serão reproduzidas aqui devidamente traduzidas.

¹⁶ A definição de unidade de tradução vem sendo alterada ao longo do tempo. A unidade de tradução é considerada por alguns teóricos (Gerloff, 1986, Krings, 1986, Lörscher, 1986 e Kiraly, 1995) como um segmento de texto com um determinado número de palavras (de 2 a 6), sendo, portanto, um produto (unidade linguística). Já outros teóricos (Dragsted, 2004 e Malmkjær, 2006) a veem como unidade do processo de tradução (unidade cognitiva). A unidade de tradução deixa de ser, portanto, “um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor” (Alves, 2006a: 189-190), e passa a ser o foco tanto no texto-fonte quanto no texto-alvo, levando-se em conta a produção de texto entre pausas. Ainda, segundo o autor, “[t]rata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor. A UNIDADE DE TRADUÇÃO pode ser considerada como a base cognitiva e o ponto de partida para todo o trabalho processual do tradutor. O foco de atenção e consciência são o fator direcionador e delimitador da UNIDADE DE TRADUÇÃO e é através dele que ela se torna momentaneamente perceptível”. Nesta pesquisa, trata-se o DP como uma unidade de tradução (seja ela linguística ou cognitiva), uma vez que é um dos focos de atenção da tradução no texto-fonte (que é evidenciado pela busca da estrutura inteira na internet) e também no texto-alvo, evidenciado pelas pausas e modificações realizadas no DP ao longo da fase de redação do DP em si. O conceito de unidade de tradução será importante para se compreender o modelo de Alves (1997), que será apresentado ainda neste capítulo, e também para analisar o processo tradutório dos DPs, considerando, inclusive, as pausas e modificações realizadas na estrutura. Este assunto será retomado no capítulo 7. Para saber mais sobre a evolução da definição de unidade de tradução, conferir Vale (2009).

na atividade tradutória e são úteis para se pensar em um modelo que dê conta do processo tradutório.

Com um foco parecido, ou seja, o de verificar se há uma leitura prévia à tradução de modo a antecipar possíveis problemas, ou se a tradução é feita *online*, enquanto se lê o texto-fonte, Dragsted e Carl (2013), em uma pesquisa recente com 12 tradutores profissionais e 12 alunos de pós-graduação em tradução, tentaram verificar o estilo de tradução de ambos os grupos, ou seja, as características e estratégias usadas por todos os 24 tradutores e se, dentro desses grupos, havia características comportamentais individuais, mas que fossem compartilhadas por alguns deles. Para tanto, utilizaram como ferramentas para posterior análise o Translog© e o rastreador ocular.

Os resultados do estudo de Dragsted e Carl (2013) mostraram que os participantes iniciavam imediatamente a tradução ou liam as primeiras palavras ou frases antes de iniciar a atividade. Alguns passavam os olhos pelo texto antes de começar a traduzir. No entanto, no geral, eles levavam em consideração uma quantidade limitada de contexto antes de iniciar a tarefa.

Durante a leitura do texto-fonte na fase de redação, os pesquisadores observaram basicamente dois padrões, que têm alguma semelhança com o que foi observado por Asadi e Séguinot (2005) quanto ao processo de segmentação da tradução. Um deles é o *looking ahead* – o procedimento de olhar para frente no texto, ou seja, focar a atenção em algumas palavras à direita da que está sendo traduzida, de modo a buscar uma maior contextualização e evitar possíveis erros, otimizando, assim, o processo tradutório e minimizando as correções durante a revisão do texto. Sendo assim, o fato de olhar à frente no texto pressupõe, de certa forma, que haja uma tradução mental e um planejamento antes de traduzir. Este procedimento seria parecido, portanto, com o *prospective thinking* (pensamento prospectivo) caracterizado por Asadi e Séguinot (2005). O outro é o *looking back*, ou seja, o procedimento de voltar no texto-fonte e focar a atenção em palavras que já foram traduzidas. Tal fato pode ser indício de que o tradutor está monitorando a sua tradução, comparando-a com o original e verificando se está adequada.

Em alguns momentos, também, os tradutores liam enquanto traduziam, procedimento identificado por Asadi e Séguinot (2005) como *onscreen translation* (tradução na tela), conforme já mostrado.

Dragsted e Carl (2013) perceberam uma tendência comum a todos os tradutores, que é a de olhar para frente no texto, o que evidencia planejamento prévio, ainda que mínimo, e uma estratégia de otimização de tempo.

Dentro do grupo de tradutores que tendem a olhar adiante no texto, os pesquisadores conseguiram identificar três perfis: um em que os tradutores buscam um contexto mais limitado, o outro em que buscam um contexto mais amplo e, finalmente, um em que se limitam ao nível da sentença, ou seja, alguns tradutores leem uma sentença inteira antes de traduzi-la.

Quanto à revisão da tradução, foram observados dois padrões: um em que os participantes faziam a revisão *on-line*, ou seja, enquanto traduziam, e outro em que a revisão era feita ao final da tradução.

Analisando o comportamento geral dos tradutores, os pesquisadores consideraram que os participantes focavam localmente no texto (aqueles que começavam prontamente a tradução ou que liam apenas poucas palavras antes de traduzir o texto na fase de redação, em si) ou globalmente, buscando uma contextualização antes de iniciar a tradução e olhando mais à frente no texto durante a tradução, de modo a obter um contexto mais amplo.

O comportamento de orientação mais local foi verificado mais em tradutores experientes, diferentemente do que foi encontrado por Jakobsen (2002), de acordo com os autores. Os novatos tiveram um tempo de planejamento maior antes e durante a tradução. Tal fato, segundo Dragsted e Carl (2013), pode ser consequência da insegurança dos tradutores iniciantes, obrigando-os a planejar mais a tradução, a formular algumas hipóteses de significado, a compreender com mais detalhes o texto original, com o intuito de solucionar possíveis problemas de tradução. Por outro lado, o fato de os tradutores experientes terem iniciado a tradução mais prontamente, sem uma leitura prévia, e buscado uma contextualização mínima durante a fase de redação não necessariamente significa que eles não consideraram o texto como um todo, mas sim que a experiência faz com que eles traduzam mais rápido, sem que haja necessidade de olhar adiante no texto.

Isso posto, acredita-se que os resultados da pesquisa mencionada auxiliam a desvendar um pouco os procedimentos de tradução comuns a todos os tradutores, independentemente da experiência, e também dá indícios do que acontece durante o processo tradutório com relação às etapas de compreensão e

produção (se a compreensão do texto original ocorre antes da produção do texto na língua-alvo, havendo uma tendência, portanto, a um processamento mais sequencial, ou se a leitura e produção ocorrem de forma simultânea, tendendo a um processamento simultâneo), ao planejamento e monitoração da atividade e aos procedimentos de resolução de problemas. Essas informações são importantes e, conforme mencionado anteriormente, devem ser levadas em consideração na elaboração de um modelo do processo de tradução e serão retomadas nos capítulos 3 e 10.

No estudo inicial, realizado com tradutores experientes e apresentado no capítulo 7, será possível verificar se os tradutores leem antes de traduzir ou se traduzem sem uma leitura prévia; se produzem quase o texto final, sem haver muitas alterações durante a tradução, ou se deixam as pendências e correções para serem analisadas e feitas depois, enquanto revisam o texto. Além disso, também será possível verificar se os tradutores percebem os DPs complexos como uma unidade e buscam prover uma tradução para a expressão considerada como um todo ou se a percepção do DP como unidade estrutural não é imediata, sendo a estrutura analisada palavra por palavra.

2.2.2

Métodos e técnicas utilizados nos estudos processuais da tradução

Desde as primeiras pesquisas orientadas por uma abordagem processual da tradução, muito se tem discutido sobre os aspectos metodológicos dos estudos, que incluem os tipos de experimentos e atividades para se eliciar dados e a metodologia de análise dos mesmos.

Os primeiros estudos empíricos sobre o processo de tradução utilizavam basicamente protocolos verbais para verificar como se dava o processo tradutório dos sujeitos. Todavia, é sabido que os protocolos verbais são úteis para verificar processos conscientes, que podem, portanto, ser verbalizados, mas não parecem ser os mais adequados para analisar aspectos mais procedimentais da tradução.

No entanto, os primeiros modelos sobre o processo tradutório foram elaborados com base na análise de protocolos verbais e talvez este seja um motivo para alguns focarem mais operações metacognitivas do que propriamente operações mais automáticas, realizadas em um nível mais inconsciente.

Para tentar dar conta de informações mais difíceis de serem observadas e/ou verbalizadas e para se analisar o processo tradutório com mais precisão, é necessário conjugar diferentes métodos e/ou técnicas. De acordo com Göpferich e Jääskeläinen (2009: 171),

[m]étodos diferentes fornecem tipos diferentes de informação sobre o processo tradutório. Enquanto os protocolos verbais nos dão ideia do processo do pensamento consciente dos sujeitos, os métodos da neurociência [por exemplo] “apenas” fornecem pistas sobre que áreas do cérebro estão envolvidas na solução de problemas e em que proporção¹⁷.

Dentre os métodos de coleta de dados utilizados nas pesquisas mais recentes, além dos protocolos verbais consecutivos e retrospectivos, é possível enumerar os protocolos em diálogo, produzidos em dupla; o Integrated Problem and Decision Reporting (relatório produzido por alunos ao final da tarefa tradutória); questionários e entrevistas; o *key-logging*, como o *software* Translog©; a filmagem e gravação da tela (Camtasia©); o rastreamento ocular (*eye tracking*) e métodos das neurociências, como o eletroencefalograma (EEG), as técnicas de neuroimagens, como as imagens de ressonância magnética funcional (fRMT) e a tomografia por emissão de pósitron (PET) (Göpferich e Jääskeläinen, 2009: 170).

O Translog© é uma ferramenta que registra todos os movimentos no teclado (digitações, apagamentos, ações de cortar e colar etc.) enquanto o usuário digita um texto. O *software* também registra o movimento do cursor e a duração da digitação. Os dados são gravados em um arquivo e podem ser acessados posteriormente, tanto pelo usuário quanto pelo pesquisador. O Translog© permite medir o tempo de tradução, as pausas, bem como verificar os erros recorrentes etc. Este *software* é uma ferramenta bastante útil para a elaboração de protocolos verbais retrospectivos (o participante revê as suas ações durante a atividade tradutória e as comenta), além de ser uma fonte rica de dados para o pesquisador.

Já o Camtasia© capta instantâneos da tela, permitindo, assim, verificar os tipos de consultas utilizados no momento da tradução (*sites*, dicionários e

¹⁷ “Different methods provide different kinds of information on translation processes. Whereas verbal report data give us insight into the subjects’ conscious thought processes, the methods from the neurosciences ‘only’ give us cues to which areas of the brain are involved in problem-solving activities and to what extent.”

enciclopédias em CD-ROM e *on-line*), bem como o tempo despendido a cada consulta.

Segundo Göpferich e Jääskeläinen (2009: 173), o Translog© facilitou bastante a medida do tempo de pausa. Já o Camtasia© parece útil para se compreender o processo tradutório como um todo, já que fornece informações detalhadas sobre as fontes eletrônicas e os *sites* consultados.

Deve-se acrescentar, também, que algumas pesquisas mais recentes têm usado ferramentas (como o *Litterae* da UFMG) que auxiliam a anotação, etiquetagem e separação dos dados registrados pelo Translog, por exemplo (Vale, 2009; Alves e Gonçalves, 2013). Esse tipo de ferramenta uniformiza as análises e otimiza o tempo do pesquisador. Ademais, possibilita que um mesmo dado bruto possa ser anotado por diversos pesquisadores e utilizado de acordo com o foco da pesquisa de cada um (cf. Vale, 2009).

Mais recentemente, pesquisadores (O'Brien, 2006; Jakobsen et al., 2007; Carl et al., 2011; Silva et al., 2011; Alves e Gonçalves, 2013; Dragsted e Carl, 2013) têm utilizado o método de rastreamento ocular em pesquisas sobre o processo tradutório. O rastreamento ocular se mostra bastante promissor, principalmente na avaliação do que ocorre no processo de leitura ou releitura do texto original.

O rastreamento ocular analisa os pontos de fixação, ou seja, os pontos em que são atribuídos os maiores focos de atenção, os movimentos sacádicos (os deslocamentos entre os pontos de atenção) (Silva et al. 2011) e a dilatação da pupila. Segundo Pavlović (2009: 94), tanto a duração da fixação quanto os movimentos sacádicos e a dilatação da pupila são indicadores do esforço cognitivo do sujeito durante a atividade tradutória. O rastreamento ocular pode fornecer pistas sobre o processo tradutório das quais as ferramentas até então utilizadas (protocolos verbais, registros de pausa e de movimentos no teclado e de consultas externas ou no computador) não conseguiam dar conta.

O rastreamento ocular é, portanto, mais uma ferramenta valiosa para se estudar o processo tradutório, podendo fornecer dados mais finos com relação ao custo, à busca ou não por contextualização prévia, à depreensão do que o tradutor toma como unidade de tradução etc. Por exemplo, no relato de uma pesquisa que fazia uso do rastreador ocular e do Translog©, Carl et al. (2011a) constataram que os tradutores participantes, ao lerem o texto de partida, mantinham a fixação do

olhar entre duas e seis palavras à direita da que estava sendo traduzida, o que indica uma busca, ainda que mínima, pelo contexto.

Neste trabalho, a observação de possíveis procedimentos e recursos utilizados pelos tradutores experientes foi feita a partir dos dados mostrados pelo Translog© e pelo Camtasia©. Acredita-se, portanto, que a triangulação de dados quantitativos e qualitativos¹⁸ é um importante passo para compreender melhor o processo tradutório e focar o alvo da pesquisa. Segundo Alves, (2004: 14),

[i]nvestigar um mesmo objeto por meio de dados coletados e interpretados através de métodos diferentes aumenta, por analogia, as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicação de um determinado fenômeno.

Nesta pesquisa, a triangulação dos dados fornecidos pelos *softwares* Translog© e Camtasia© serviu para comparar e contrastar o desempenho de tradutores experientes observados no estudo inicial, verificar o tempo despendido nas fases de orientação, redação e revisão (que serão mais detalhadas adiante), analisar algumas pausas durante a tradução dos DPs, assim como para observar os tipos de modificações realizados nas traduções desse tipo de estrutura.

É importante observar que os estudos mais recentes, mencionados nesta subseção e na anterior, têm utilizado atividades experimentais de modo a verificar hipóteses acerca do processo tradutório com o auxílio das técnicas mencionadas acima. No entanto, ainda parece faltar a alguns estudos uma tradição característica da Psicolinguística, como a de utilizar experimentos com variáveis controladas, por exemplo.

O uso mais restrito de experimentos na área dos Estudos da Tradução pode ser atribuído a dificuldades relacionadas ao controle de determinadas variáveis – desde o próprio material linguístico utilizado (tipos de texto selecionados) até a seleção dos participantes, visto que, em geral, os tradutores se especializam em determinadas áreas de atuação (técnica, literária, jurídica, localização etc.), sendo, portanto, difícil compor um grupo com certo grau de homogeneidade.

¹⁸As pesquisas dentro da abordagem processual da tradução fazem uso de dados quantitativos e qualitativos. Segundo Raphael Carvalho (2007), os dados quantitativos são úteis para se definirem padrões no processo tradutório e diferenciar as estratégias de um tradutor especialista das de um novato, por exemplo. Já a análise qualitativa tem como objetivo traçar o processo cognitivo percorrido pelo tradutor.

De acordo com Jakobsen (2011: 176), “tradutores experientes normalmente desenvolvem um conhecimento muito detalhado de domínios específicos, como produção de queijo, hipoteca, bem-estar social, mas o especialista em produção de queijo talvez não o seja” nos outros assuntos citados.¹⁹

Não obstante essas dificuldades, o uso de experimentos para a investigação de aspectos de ordem procedimental pode contribuir para uma compreensão de ordem mais fina de processos automáticos envolvidos na tradução, permitindo identificar fatores que representam custo de processamento.

De acordo com Hatzidaki (2007: 14; 19), os Estudos da Tradução que apresentam uma abordagem processual podem aproveitar “uma grande variedade de experimentos bem controlados [da área da Psicolinguística]”, de modo a prover um “*insight* acerca dos processos cognitivos que os Estudos da Tradução não são capazes de explorar sozinhos”²⁰.

Nesse sentido, acredita-se que a conjugação de metodologias e técnicas de diferentes áreas do conhecimento – que, embora não tenham uma tradição em estabelecer um diálogo estreito, ainda que este pareça bastante profícuo – possa contribuir para análises mais finas de determinado fenômeno e, conseqüentemente, para uma noção mais precisa acerca do mesmo.

2.3 Os modelos do processo de tradução

Conforme destacado no início deste capítulo, são poucos os modelos empíricos do processo tradutório, apesar de um número significativo de pesquisas na área. A seguir, serão tecidos alguns comentários sobre os modelos e estudos propostos por Krings (1986); Frank Königs (1987) e Lørscher (1996)²¹ e também serão apresentados os modelos de Bell (1991), de Hönig (1995); de Kiraly (1995) e de Alves (1995).

¹⁹ “Expert translators frequently develop very detailed subject knowledge within specific domains, cheese production, mortgage lending, or social welfare, perhaps, but the expert on cheese production is probably not also an expert on mortgage lending and social welfare”.

²⁰ “(...) a wide range of well-controlled experimental methods.”

“(...) insight into cognitive processes translation is not able to tap into on its own.”

²¹ Alguns dos textos originais escritos pelos autores mencionados estão em alemão e não há traduções disponíveis; logo, optou-se por mostrar suas pesquisas citadas em outras obras [Hönig (1998); Alves et al. (2000); Carvalho (2007); Rodrigues (2008); Hurtado Albir e Alves (2009)], já que são importantes para a compreensão dos estudos na área.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a presente pesquisa não apresenta todos os modelos disponíveis e não pretende ser exaustiva quanto à caracterização daqueles mencionados acima. O objetivo aqui é mostrar as principais características de cada um, discutir um pouco os méritos/a aplicabilidade dos mesmos e verificar quais deles poderão ser úteis para este estudo e para o embasamento de uma nova caracterização de modelo, que leve em consideração o processamento em duas línguas diferentes e o custo atrelado a ele.

A diversidade dos modelos de tradução, em geral, pode ser consequência da interdisciplinaridade dos Estudos da Tradução e, conseqüentemente, da falta de autonomia da área, o que fez com que diversos modelos advindos de outros domínios ou áreas tenham sido simplesmente aplicados ao objeto de estudo de interesse – a tradução (Hermans, 2008: 155). Sendo assim, cada campo ou área foca determinado aspecto da tradução. No caso específico dos modelos do processo de tradução, que visam à caracterização das operações mentais envolvidas na tradução tendo como base a Psicolinguística, a falta de um tratamento dos modelos baseado em etapas e regras pode ser consequência da metodologia e das técnicas utilizadas para coletar os dados. Nos primeiros trabalhos dentro da abordagem processual, a coleta de dados era feita primordialmente por meio da técnica de protocolos verbais, conforme será evidenciado abaixo, o que possivelmente limitou a observação de processos mais inconscientes, ainda que muitos desses pesquisadores tentassem também evidenciá-los. Portanto, alguns modelos podem ser mais bem caracterizados como um estudo que apresenta algumas observações²² que possivelmente seriam incorporadas em um modelo do que propriamente um modelo. Os modelos são apresentados abaixo em ordem cronológica.

O estudo de Krings (1986) se encaixa no caso em que não há uma sistematização de um modelo propriamente dito. No entanto, é inegável que o autor tenha realizado um trabalho pioneiro na abordagem processual da tradução, observando as estratégias utilizadas tanto na tradução da língua estrangeira para a língua materna quanto na tarefa de versão, da língua materna para a língua estrangeira, que poderiam muito bem servir de insumo para futuros modelos.

²² Além disso, cabe ressaltar que alguns modelos são consequência das observações do processo tradutório de indivíduos bilíngues, que não necessariamente atuam como tradutores, ou seja, de indivíduos que têm proficiência em duas línguas, mas que podem não ter desenvolvido a competência tradutória.

O objetivo do estudo de Krings foi avaliar as estratégias utilizadas pelos participantes do estudo. Ao analisar os protocolos verbais produzidos por oito alunos de francês como língua estrangeira de nível avançado, que traduziram da língua materna para a língua estrangeira e vice-versa (alemão-francês e francês-alemão), o autor estabeleceu três conjuntos de estratégias: estratégias de recepção; estratégias de buscas de equivalentes e estratégias de avaliação. As estratégias são aplicadas de acordo com a percepção do problema de tradução. Se o tradutor não encontrar problema algum para traduzir determinada unidade, seja ela uma palavra, um sintagma etc., ele irá transpor a unidade de um idioma para outro, o que não significa dizer que a solução encontrada seja a correta. Caso o tradutor encontre algum problema no decorrer do processo tradutório, ele poderá aplicar uma série de estratégias, que podem trazer a solução para determinado problema.

Em sua pesquisa, Krings observou que a maioria das estratégias é aplicada de forma consciente, o que não significa dizer que não seja possível a ativação inconsciente de alguns procedimentos durante a tradução. Tal observação, conforme destacado anteriormente, parece ser decorrente da técnica utilizada para a coleta de dados – os protocolos verbais.

O modelo de Königs (1987) se baseou em um estudo realizado com cinco sujeitos (quatro alunos de língua estrangeira e um tradutor profissional). Em uma de suas pesquisas, o objetivo de Königs era diferenciar os processos envolvidos na tradução daqueles envolvidos na escrita em uma língua estrangeira.

No modelo sobre o processo tradutório, o autor dividiu os processos em dois blocos: o *Adhoc Block* ou Bloco *Adhoc* (relativo a processos automáticos²³) e o *Rest-Block* ou Bloco Restante ou Reflexivo (referente a processos estratégicos). O primeiro bloco apresentaria as soluções mais automatizadas e as equivalências já preestabelecidas, ou seja, para o exemplo “*He’s home*”, retirado de Alves et al. (2000: 114), é muito provável que a tradução correspondente gerada pelos tradutores seja “Ele está em casa”, pois há uma série de decisões tradutórias internalizadas, como saber que *he* é um pronome pessoal do gênero masculino, que *is*, nesta frase, se refere ao verbo “estar” e não ao verbo “ser”, uma vez que “*to be home*” é “estar em casa” etc. As questões relativas à tradução dessa frase,

²³ Königs, quando emprega o termo “automático” para caracterizar as operações do Bloco *Adhoc*, parece estar se referindo a processos não acessíveis em nível consciente. Esses processos teriam, portanto, uma natureza mais reflexa.

por exemplo, provavelmente já foram resolvidas em um outro momento (em uma tradução anterior), podendo ser processadas de forma automática. Quando determinada tradução atinge a automatização, é provável que o tradutor não reflita mais sobre a mesma, podendo, portanto, recair sempre no mesmo erro, o que faz com que as equivalências sejam “muito resistentes a mudanças” (Alves et al., 2000: 114).

Já quando a unidade de tradução não é processada automaticamente, ela é transferida para o Bloco Reflexivo. Nesse bloco, é necessária a reflexão por parte do tradutor para solucionar possíveis problemas. Dessa forma, o tradutor deve levar em conta fatores contextuais, o público-alvo etc. O processo de tradução proposto por Königs se dá através da interação entre os Blocos *Adhoc* e Reflexivo. No entanto, conforme apontam Alves et al. (2000: 115), a divisão entre apenas dois blocos é simplista demais para dar conta do que acontece na mente do tradutor. Königs não explora em detalhes o Bloco Reflexivo, que é o que apresenta a parte mais complexa do processo tradutório, pois é nele que ocorrem as operações mais conscientes e em que podem ser percebidas as estratégias de resolução de problemas e os processos de tomada de decisão. Sendo assim, Alves (1995) e Alves et al. (2000) propõem a reformulação da proposta de Königs. Tal proposta será mostrada mais adiante, nesta seção.

Abaixo, está a reprodução da forma resumida do modelo de Königs, retirada de Alves et al. (2000: 114)²⁴:

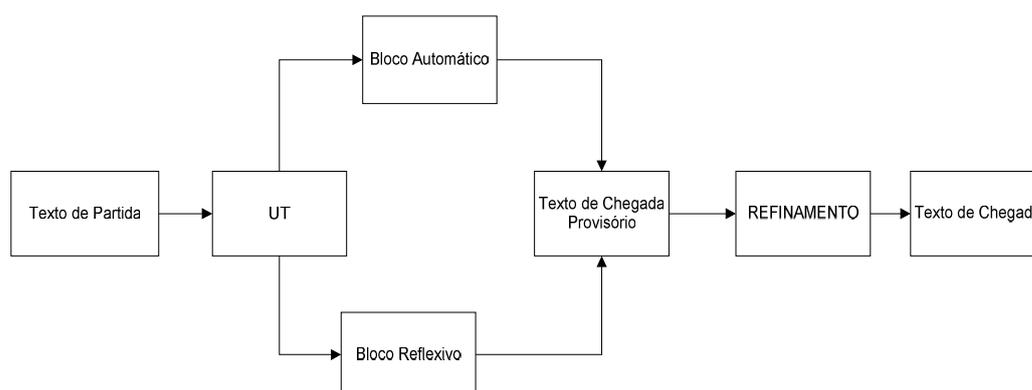


Figura 2: Modelo de Königs. Reproduzido de Alves et al. (2000: 114).

²⁴ O modelo em sua versão original pode ser consultado em KÖNIGS, Frank G. Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. In: Die Neueren Sprachen, v.86, n.2, 162-185, 1987.

Ainda com relação ao modelo de Königs, a percepção de que a tradução envolve tanto processos automatizados e mais inconscientes quanto processos estratégicos, que exigem reflexão, tomadas de decisão mais conscientes e buscas tanto internas (memória) quanto externas (consultas a dicionários, à internet etc.) por parte do tradutor é de suma importância para compreender a tradução como atividade cognitiva e deveria fazer parte de todo modelo que pretende representar o processo tradutório. No entanto, apenas a divisão do processo em dois blocos não é o suficiente para demonstrar a complexidade envolvida na tradução, sendo necessário, portanto, explorar melhor os procedimentos que ocorrem em cada um deles. O modelo de Alves (1995), por exemplo, que será abordado mais adiante, explora o bloco referente a processos estratégicos, o Bloco Reflexivo.

Lörscher (1991; 1996; 2002; 2005), em suas pesquisas sobre o processo tradutório de falantes bilíngues jovens, de alunos de língua estrangeira e de tradutores profissionais, observou, ao longo dos anos, as estratégias utilizadas pelos tradutores – definidas pelo autor como os procedimentos empregados pelos sujeitos para solucionar problemas relativos à tradução –, por meio da análise psicolinguística do desempenho deles. O *corpus* analisado era composto da tradução oral de textos do alemão para o inglês e vice-versa. Logo após a atividade, os participantes produziram protocolos verbais e também comentaram sobre os problemas encontrados e as soluções para tais. As análises foram realizadas com base nas traduções e nos protocolos.

Segundo o autor, o reconhecimento de determinado problema de tradução é o ponto de partida para as estratégias de tradução, e a solução do problema, ainda que parcial, é o objetivo final. Entre a percepção do problema e a solução ou reconhecimento da impossibilidade de solução do mesmo, é possível perceber uma série de atividades verbais e/ou mentais que pode ser interpretada como estratégias. Lörscher acredita que essas estratégias podem ser formalizadas e gerar categorias presentes em um modelo de análise das estratégias do processo tradutório.

No entanto, apesar de o autor mencionar que a sistematização proposta se trata de um modelo que retrata as estratégias do processo tradutório, falta uma caracterização nos moldes dos outros modelos aqui mostrados. O pesquisador lista uma série de estratégias de resolução de problemas que ocorrem ao longo do

processo tradutório e depois as insere em um fluxograma, que será mostrado aqui após a apresentação das estratégias.

Dentre as estratégias, o autor inclui desde a percepção do problema e solução do mesmo até a organização mental dos segmentos dos textos-fonte e alvo. Há também a monitoração da atividade, em que o tradutor compara os textos-fonte e alvo e realiza modificações, reescreve, revisa etc. É importante destacar que, em seus textos, Lørscher utiliza sempre a palavra “estratégia”, não parecendo haver uma preocupação em diferenciar processos estratégicos de processos mais automáticos. O uso da palavra “estratégia” não parece ser adequado para representar processos automáticos, que são determinados por regras e têm, portanto, uma natureza algorítmica. Por outro lado, as estratégias são de natureza heurística sobre as quais muitas vezes se tem acesso em um nível consciente.

O modelo de Lørscher apresenta três níveis hierárquicos: o primeiro abarcaria os elementos das estratégias de tradução, que seriam as etapas mais simples de resolução do problema; o segundo compreenderia as manifestações das estratégias de tradução, e o terceiro e mais alto nível hierárquico abrangeria as versões de tradução (ou seja, as diversas traduções temporárias até se chegar à tradução final), que podem tanto fazer parte das estratégias quanto compreender algumas delas.

Em sua pesquisa, o autor identificou vinte e dois elementos das estratégias de tradução, reproduzidos abaixo, já traduzidos para o português²⁵ (Lørscher, 2005: 607):

Elementos originais das estratégias de tradução

RP: Percepção de um problema tradutório

VP: Verbalização de um problema tradutório

→SP: Busca por uma solução (possivelmente preliminar) para um problema tradutório

SP: Solução para um problema tradutório

PSP: Solução preliminar para um problema tradutório

SPa,b,c...: Partes da solução para um problema tradutório

SP Ø: Uma solução para um problema tradutório ainda precisa ser encontrada (Ø)

SP = Ø: Solução (Ø) negativa para um problema tradutório

PSL: Problema na recepção do texto-fonte

²⁵ Optou-se por manter as siglas em inglês.

Elementos potenciais das estratégias de tradução

MSL: Monitoração dos segmentos do texto-fonte
 MTL: Monitoração dos segmentos do texto-alvo
 REPHR.SL: Refraseamento (paráfrase) dos segmentos do texto-fonte
 REPHR.TL: Refraseamento (paráfrase) dos segmentos do texto-alvo
 CHECK: Teste de discernimento (= Verificação) de uma solução (preliminar) para um problema de tradução
 OSL: Organização mental dos segmentos do texto-fonte
 OTL: Organização mental dos segmentos do texto-alvo
 REC: Recepção (primeira leitura) dos segmentos do texto-fonte
 [TS]_{com}: Comentário sobre um segmento de texto
 TRANS: Transposição de lexemas ou de combinações de lexemas
 T: Tradução de segmentos de texto sem quaisquer problemas envolvidos
 → T 2,3,...n: Formulação da segunda e terceira versões da tradução
 ORG: Organização de um discurso tradutório

Os elementos das estratégias de tradução são então combinados nos diferentes tipos de estratégia propostos pelo autor. As estratégias de tradução são divididas em estruturas básicas, estendidas e complexas. Aplicando um princípio gerativo, as estruturas básicas podem ser transformadas em estruturas estendidas e complexas. Lörscher (2005: 600) estabelece cinco tipos de estrutura básica:

Tipo I. : RP - (P)SP#/SPØ (reconhecimento do problema e solução imediata para o problema ou constatação de que não há solução momentânea)
 Tipo II. : RP → SP - (P)SP#/SPØ (busca por solução)
 Tipo III. : (RP) - VP - (P)SP#/SPØ (verbalização do problema de tradução)
 Tipo IV. : (RP) - (→SP) - VP - (→SP) - (P)SP#/SPØ; ao menos uma → solução do problema deve ocorrer (mais busca e verbalização).
 Tipo V.: (...) (P)SPa/SPaØ (...) (P)SPb/SPbØ (...) (P)SPc/SPcØ (...)
 (constatação de um problema de tradução complexo e divisão do mesmo em partes, de modo a solucionar um de cada vez).

As estruturas estendidas são compostas de estruturas básicas com uma ou mais expansões e as estruturas complexas, por estruturas básicas e/ou estendidas.

Em relação às versões de tradução, Lörscher afirma que estas são compostas de fases estratégicas – relacionadas à percepção de um problema e sua solução, ou à conclusão da incapacidade de resolução do mesmo em determinado momento – e não estratégicas, voltadas para a finalização de uma tarefa e que se iniciam na extração de uma unidade de tradução e terminam na tradução da mesma, ainda que esta seja preliminar (Lörscher, 2005: 601).

Segundo os estudos desenvolvidos pelo autor, os sujeitos da pesquisa elaboram diversas versões de uma mesma tradução, seja devido à tentativa de procurar uma melhor solução tradutória ou à de aperfeiçoar o texto de chegada. Abaixo, o fluxograma com a representação das estratégias:

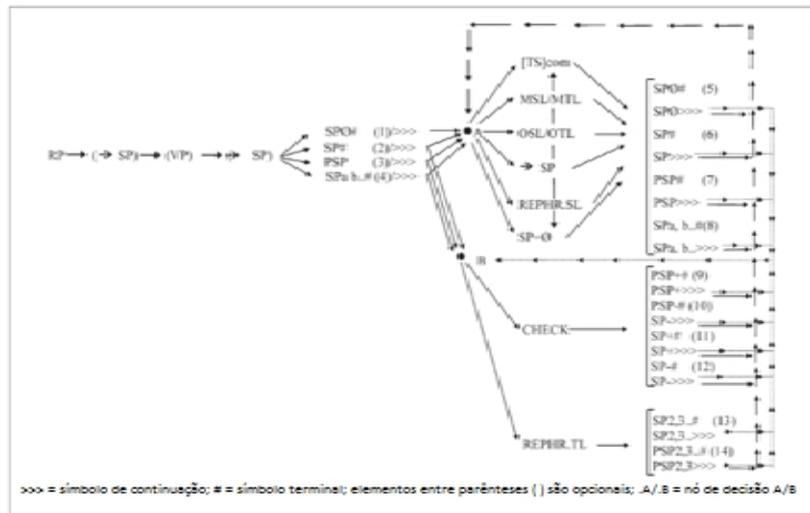


Figura 3: Fluxograma das estratégias de solução de problemas em tradução. Reproduzido e adaptado de Lörcher (2005: 607).

O modelo de Lörcher é relevante na medida em que detalha a percepção de um problema, as estratégias de resolução do mesmo (como a divisão de um problema complexo em partes, o que poderia ser uma estratégia de minimização de custo), a monitoração dos textos-fonte e alvo e as diversas tentativas de tradução até que o tradutor encontre uma solução satisfatória.

O modelo de Bell (1991), que também é caracterizado por Hurtado Albir e Alves (2009: 56), se baseia em uma série de suposições acerca da natureza do processo tradutório e de suas características de modo a explicar o fenômeno de forma satisfatória (Bell, 1991: 43). Segundo Bell, o modelo busca integrar resultados de trabalhos em Psicologia Cognitiva, Psicolinguística e Inteligência Artificial e também em Processamento de Linguagem Natural em tempo real. O modelo tem uma abordagem linguística (na linha da linguística sistêmico-funcional) e psicolinguística e, embora não fique claro, parece ser consequência de uma série de reflexões acerca do processo tradutório e da competência tradutória e não de resultados experimentais. No modelo, o processo tradutório é dividido nas fases de análise (que engloba as etapas envolvidas na leitura e

compreensão do original) e de síntese (que engloba as etapas envolvidas na produção da tradução). Ambas as fases compreendem três áreas de operação: sintática, semântica e pragmática. O modelo opera no nível da sentença. No modelo de Bell, a tradução é tratada como o processamento de informação que exige das memórias de curto e longo prazo para a decodificação da língua-fonte e transformação do código na língua-alvo. O modelo segue uma estrutura *top-down/bottom-up*, começando pelo reconhecimento visual das palavras no texto-fonte, e depois pelo *parsing* sintático de sentenças associado a mecanismos de buscas lexicais processadas por um analisador que tem um repositório de estruturas e léxico frequentes. Segundo Bell (1991: 47), a função desses repositórios é a de

aliviar a memória de curto prazo (MCP), fazendo com que ela não armazene informações desnecessárias, ao permitir que uma grande quantidade de dados perpassa pelo *parser*, no caso da estrutura, ou pelo mecanismo de busca lexical, no caso do léxico, e seja direcionada imediatamente para o nível semântico, durante a operação de análise, ou ao sistema de escrita, durante a operação de síntese²⁶.

Isso significa dizer que, caso o tradutor já tenha em mente uma estrutura correspondente e/ou palavra na língua-alvo para determinada estrutura e/ou palavra na língua-fonte, não haverá necessidade de *parsing* ou de busca lexical, podendo o tradutor passar para a etapa seguinte.

Em seguida, vêm os processamentos semântico e pragmático apoiados por um organizador ou planejador de ideias. Quando a decisão tradutória atinge o nível semântico, o sintetizador entra em cena para reprocessar o *input* tradutório e distribuí-lo nos níveis sintático, semântico e pragmático (não necessariamente nessa ordem, uma vez que, conforme afirma Bell, o processo tradutório não é linear e há sempre a possibilidade de se voltar no texto, fazer a revisão *on-line* e realizar mudanças), de modo a ser decodificado no novo sistema de escrita, ou seja, no sistema da língua-alvo.

Abaixo, a reprodução do modelo de Bell:

²⁶ “[...] relieving the short-term memory (STM) of unnecessary storage allowing large amounts of data to by-pass the parser, in the case of the structure, and the lexical search mechanism, in the case of lexis, and be directed immediately to the semantic level during analysis or the writing system during synthesis.”

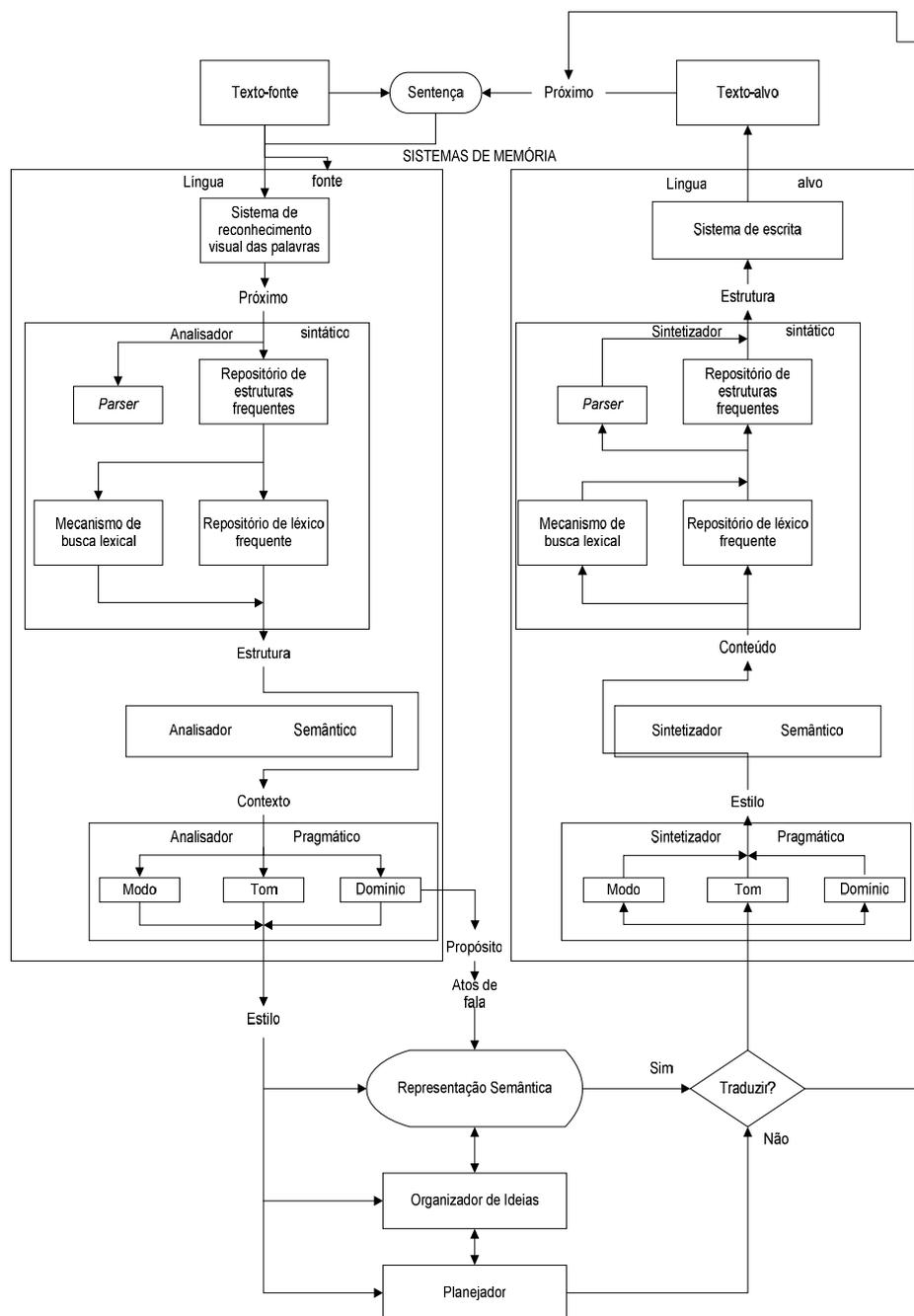


Figura 4: Modelo proposto por Bell. Reproduzido e adaptado de Bell (1991: 46).

O modelo de Bell (1991), ao incorporar a teoria do processamento da informação na caracterização de etapas envolvidas na compreensão do texto-fonte e produção do texto-alvo, aproxima-se de um modelo de cunho psicolinguístico. Sua organização pressupõe as etapas envolvidas na compreensão e também na produção, operações mais automatizadas e outras mais conscientes, tomadas de decisão (relativas à tradução do texto em si ou à recepção do texto, ao público leitor etc.), a ideia de um planejador, que necessariamente monitora a atividade,

de sistemas de memória, que estão atrelados a custos diferenciados (embora o autor não explicita esse fato), e a ideia de um processo não linear, que pode retroceder quantas vezes for necessário, pular etapas e ser percorrido de várias maneiras²⁷. Tal esquematização é bastante útil tanto para compreender melhor o processo tradutório como para propor outros modelos. O modelo de Bell será retomado quando o modelo sugerido nesta pesquisa for abordado, no capítulo 10.

O modelo proposto por Hönig (1995) foi baseado em experimentos realizados com tradutores em formação e na análise dos protocolos verbais produzidos pelos sujeitos da pesquisa. Os participantes traduziram textos informativos. Segundo o autor, a recepção do texto de partida leva o tradutor a fazer uma projeção mental do texto em sua memória. Tal projeção seria influenciada por duas categorias distintas de processamento: a de esquemas mentais relacionados à macroestrutura do texto de partida e a de expectativas e crenças de como deve ser o texto de chegada. A interação de processos dentro dessas duas categorias acarretaria a criação de uma macroestratégia que guiaria o processo tradutório. De acordo com Hönig (1998: 22), a macroestratégia tem como objetivo principal refletir a tarefa tradutória e fazer com que os tradutores possam se organizar e atentar para questões relacionadas ao público-alvo e aos objetivos da tradução, ao tema da tradução e ao conhecimento do tradutor sobre o mesmo antes de se passar para questões linguísticas e de conhecimento de mundo. A criação da macroestratégia marca o início do processo de tradução. De acordo com Rodrigues (2008: 43), “[a] partir deste momento, são aplicadas determinadas estratégias tradutórias (utilização de meios de apoio, estratégias de transposição, entre outras) que são monitoradas constantemente através de um processo denominado ‘monitoring’”. O resultado dessas várias etapas do processamento do texto seria a elaboração do texto de chegada. Abaixo, o modelo proposto por Hönig (1991: 79)²⁸:

²⁷ Bell afirma (1991:61) que, para fins de clareza, o modelo representa um processo linear e sequencial, embora seja enfático de que tem consciência de que não o é.

²⁸ Nos textos de 1991 e 1998, Hönig mostra o seu modelo, inicialmente proposto em 1991 e atualizado em 1995. Como os textos que apresentam o modelo por completo estão escritos em alemão e não foram encontradas traduções para tais, optou-se por reproduzir aqui o modelo apresentado pelo pesquisador no texto de 1991, por considerar que este é mais completo e claro, e por descrevê-lo de forma breve com base no texto de 1998, do autor, e *apud* Rodrigues 2008.

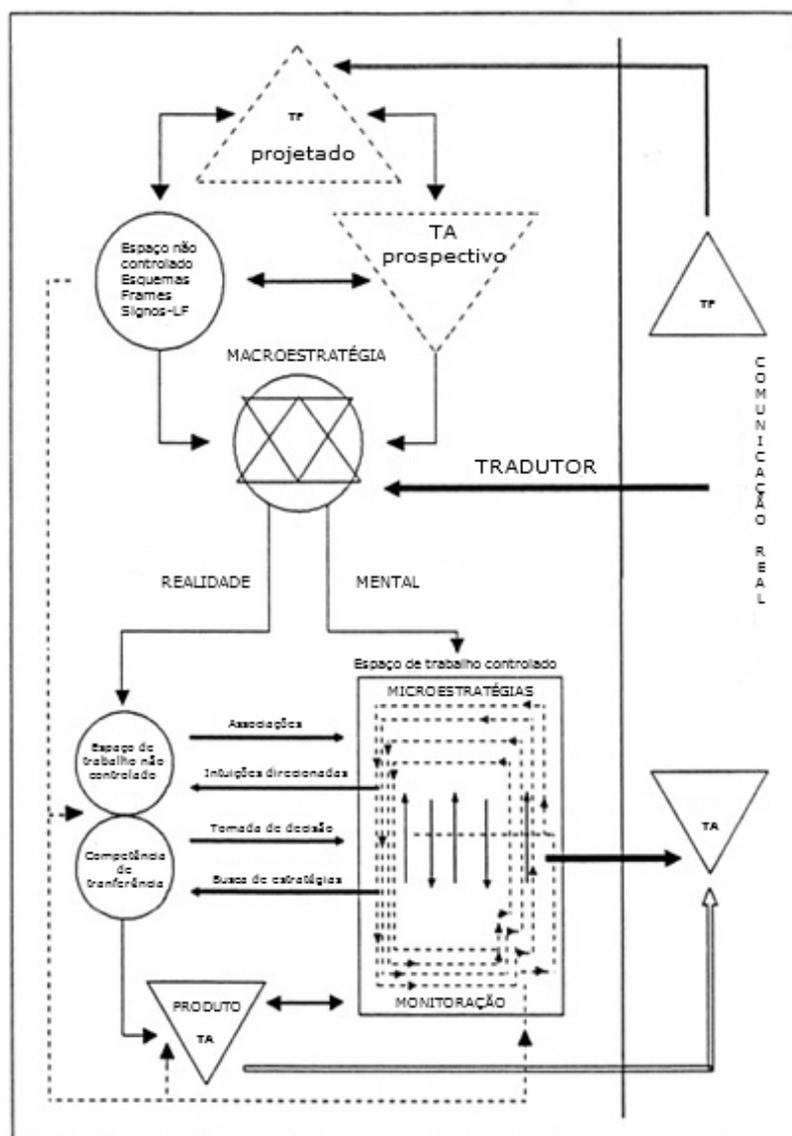


Figura 5: Modelo proposto por Höning. Reproduzido e adaptado de Höning (1991: 79).

O que parece interessante e relevante no modelo de Höning é a constatação de que a atividade tradutória é monitorada e que o tradutor utiliza macro e microestratégias para compreender melhor o texto no seu sentido mais amplo (relacionado ao objetivo do texto, ao público leitor) e também no sentido mais restrito, relativo a questões linguísticas. As setas em diversas direções também parecem demonstrar a não linearidade do processo.

Em seu modelo psicolinguístico da tradução, Kiraly (1995)²⁹ teve como principais objetivos identificar alguns aspectos processuais da tradução de 18

²⁹ Kiraly (1995) considera a tradução como uma atividade social e cognitiva. Dessa forma, o autor propõe dois modelos: um social e outro psicolinguístico. No modelo social, derivado das teorias de J. R. Firth, o tradutor é considerado como um participante ativo dos textos-fonte e, ainda, de um

sujeitos alunos de um programa de treinamento de tradutores (nove iniciantes e nove formandos), verificar a diferença entre os sujeitos e descrever a expectativa deles em relação ao processo tradutório. Kiraly analisou o desempenho dos participantes, que traduziram um texto do alemão para o inglês.

Kiraly destaca o papel da memória no processo tradutório. O pesquisador divide o seu modelo em três componentes: fontes de informação (que incluem a memória de longo prazo; o *input* do texto-fonte e recursos externos), um centro de processamento relativamente não controlado, e um centro de processamento relativamente controlado. Tais parecem ter sido inspirados nos espaços de trabalho controlados e não controlados (*controlled* e *uncontrolled workspace*) do modelo de Hönig, mostrado acima. O centro de processamento relativamente não controlado apresenta os processos mais automáticos e intuitivos e o centro de processamento controlado, os processos mais conscientes e estratégicos.

Segundo Hurtado Albir e Alves (2009: 58), Kiraly afirma que o centro de processamento relativamente não controlado e o centro de processamento relativamente controlado não operam de forma isolada. O modelo pode ser explicado, de forma simplificada, da seguinte maneira: a informação oriunda da memória de longo-prazo é sintetizada juntamente com as informações do *input* do texto-fonte e os recursos externos no centro de processamento relativamente não controlado. Quando o tradutor se defronta com um problema e esse centro não dá conta (ou seja, o processamento automático não é suficiente para solucionar tal problema), o centro de processamento controlado “assume” o problema, sendo necessário escolher alguma(s) estratégia(s) que será/serão implementada(s) com o objetivo de lidar com determinada dificuldade. Nessa etapa, percebe-se um processamento mais consciente. Caso determinada estratégia não tenha êxito, é possível devolver o problema juntamente com mais informações ao centro de processamento não controlado. Se a tradução falhar de novo, é possível considerar uma tradução provisória e/ou realizar novas buscas até se encontrar uma tradução mais satisfatória. Abaixo, o modelo de Kiraly (1995):

processo intermediário, especificamente relacionado à tradução. Nesse modelo, o tradutor é considerado um agente social (Hurtado Albir e Alves, 2009: 58). O modelo social enfatiza mais as questões relacionadas à competência tradutória, que também é mencionada por Bell (1991) e Hönig (1998) como algo que deve ser considerado na atividade tradutória. Segundo Kiraly (1995: 100), o construto mental denominado autoimagem ou “self-concept” “permite a integração do mundo social da tradução com o cognitivo e é um pré-requisito para que o tradutor seja capaz de projetar uma expectativa com relação à tradução”. Neste trabalho, será detalhado apenas o modelo psicolinguístico.

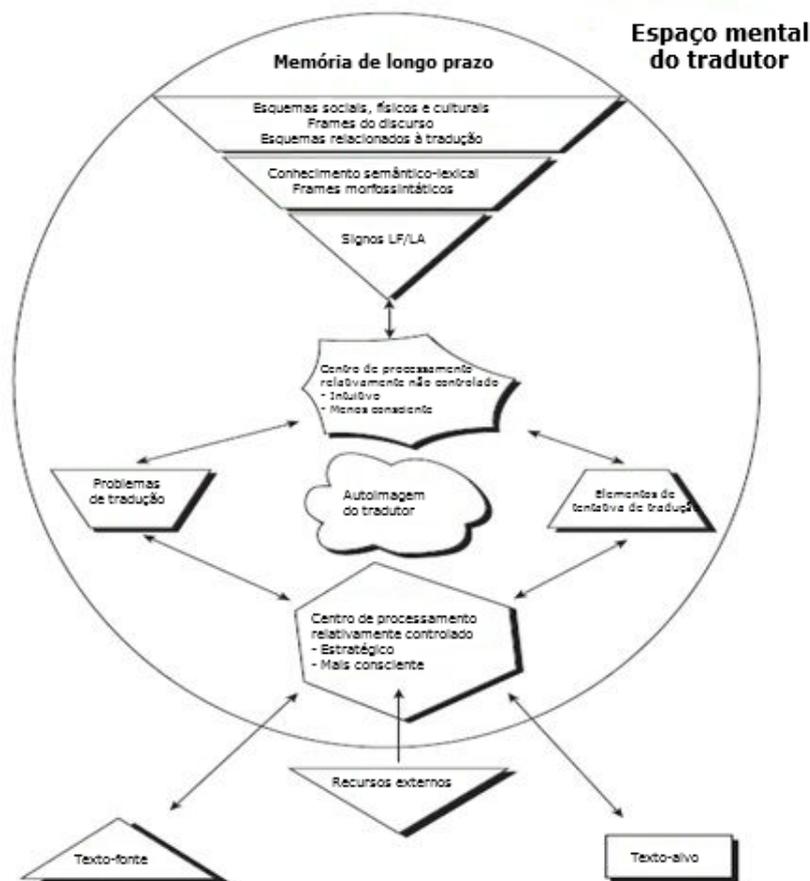


Figura 6: Modelo psicolinguístico do processo de tradução proposto por Kiraly. Reproduzido e adaptado de Kiraly (1995: 101).

Assim como nos outros modelos, verifica-se uma distinção entre etapas que incluem processos mais automáticos e outras que exigem uma reflexão maior e a adoção de uma série de estratégias, além de tomadas de decisão. Percebe-se, também, a não linearidade do processo, uma vez que é possível retornar a etapas anteriores na tentativa de solucionar determinado problema. Além disso, assim como no modelo de Hönig (1995), há também preocupação em demonstrar a expectativa do tradutor com relação à tradução, ao texto etc. (preocupação esta presente no modelo social da tradução). Há também a ideia de um monitorador do processo, que, neste modelo, é representado pelo *translator's self-concept* (autoimagem do tradutor³⁰). De acordo com Kiraly (1995: 100), esse construto mental

³⁰ Não foi encontrada uma tradução consagrada para o termo. Dessa forma, optou-se por utilizar uma tradução provisória.

inclui a percepção do que é o propósito da tradução, uma conscientização quanto à informação que a tarefa tradutória exige, a autoavaliação da habilidade para se completar a tarefa tradutória e uma capacidade para monitorar e avaliar o produto da tradução quanto à adequação”³¹.

Por fim, o modelo de Alves (1995)³² retoma a proposta de Königs e, conforme já citado, reformula-a e expande-a, dividindo-a em sete etapas processuais: (1) Automatização; (2) Bloqueio Processual; (3) Apoio Interno; (4) Apoio Externo; (5) Combinação de Apoios Interno e Externo; (6) Priorização e Omissão de Informações e (7) Aperfeiçoamento do Texto de Chegada. Essas etapas são divididas em dois blocos (automático e reflexivo), similares aos propostos por Königs (1987).

O modelo de Alves, que será resumido abaixo, não “deve ser analisado como um retrato psicolinguístico do processo tradutório, mas como uma descrição dos possíveis caminhos que percorremos ao traduzir”, de acordo com as palavras do próprio autor (2000: 118). O modelo é o resultado de uma longa pesquisa com 24 tradutores, 12 brasileiros e 12 portugueses, e tem o objetivo didático de mostrar aos alunos de tradução como pode se dar o processo tradutório, não pretendendo, portanto, ser prescritivo e único. Os dados da pesquisa de Alves foram fornecidos pelos protocolos verbais produzidos pelos 24 sujeitos da pesquisa.

Ainda segundo o autor, o modelo proposto pretende dar conta de “memórias de curto e longo prazo, a recuperação de memória previamente armazenada, estratégias e processos inferenciais utilizados na solução de problemas tradutórios, processos de tomada de decisão e operações mentais em série e em paralelo” (Alves, 1997).

Na primeira etapa explorada por Alves – a automatização –, o tradutor escolhe uma correspondência automática para uma unidade de tradução³³

³¹ “[...] includes a sense of the purpose of the translation, an awareness of the information requirements of the translation task, a self-evaluation of capability to fulfill the task, and a related capacity to monitor and evaluate translation products for adequacy and appropriateness.”

³² O modelo de Alves foi originalmente apresentado em sua tese de doutorado, em alemão, intitulada “*Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?*” (cuja tradução livre seria algo como “Entre o silêncio e a fala: como formar uma ponte transcultural?”), de 1995. O modelo será apresentado com base em dois textos de Alves (1997 e 2000), escritos em português, que reproduzem o modelo.

³³ Nesse contexto, a unidade de tradução “é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do

selecionada. Tal unidade é processada no bloco automático, quando o tradutor acessa diretamente a memória de curto prazo. O tradutor faz então inferências e estabelece correspondências, normalmente de forma inconsciente, e, se aceitar a tradução escolhida, esta passa a fazer parte do texto de chegada provisório.

A segunda etapa, denominada bloqueio processual, ainda faz parte do bloco automático e descreve a situação em que o tradutor entra em um círculo vicioso por não encontrar uma solução automática para determinada unidade de tradução. Quando não encontra uma tradução satisfatória, o tradutor tenta procurá-la no bloco reflexivo. Se não encontrar uma solução naquele bloco, o processo tradutório é bloqueado, podendo provocar a eliminação da unidade de tradução ou até mesmo a interrupção da atividade tradutória.

Quando a atividade tradutória não é interrompida, passa-se então para o bloco reflexivo. Como a tradução envolve a combinação e integração de diferentes estratégias através de “apoios múltiplos do sistema cognitivo” (Alves, 2000: 116), para que o indivíduo tome uma decisão tradutória, são necessárias várias etapas do processo tradutório. Tais etapas, segundo o modelo de Alves, fazem parte do bloco reflexivo.

A primeira etapa desse bloco seria o apoio externo. Quando o tradutor não sabe determinada unidade de tradução, ele pode recorrer a um meio externo para compreendê-la. Segundo Alves (2000: 116), “[t]rata-se de uma operação envolvendo conhecimentos procedimentais, ou seja, estratégias sobre como e onde procurar soluções para informações não disponíveis”.

Já o apoio interno abarcaria as operações mentais envolvidas no conhecimento prévio do tradutor. De acordo com Alves, há dois tipos de apoio interno: o que conta com a recuperação de memória para se traduzir uma unidade de tradução já conhecida e o outro que não recupera essa memória e que não apresenta conhecimento anterior com relação à unidade de tradução mencionada, mas que se utiliza de processos inferenciais.

A quinta etapa seria a combinação dos apoios interno e externo. Muitas vezes, um problema de tradução exige tanto a recuperação de algo na memória quanto a consulta a meios externos, quando a informação não está disponível na memória. Alves (2000) afirma que o tradutor precisa aprender a utilizar esses dois

tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor” (Alves, 2000: 38).

tipos de operação e que esses dois recursos podem ser alternados recursiva e paralelamente.

Na etapa de priorização e omissão de informações, o processo tradutório entra na fase de tomadas de decisão. É necessário que o tradutor saiba quais informações serão priorizadas e quais serão omitidas no texto de chegada, a partir da inter-relação entre o texto e a língua de partida e o texto e a língua de chegada. Para tanto, ele se utiliza de estratégias macro e microtextuais. Segundo Alves (2000: 117), o objetivo do tradutor é “obter o maior efeito contextual com o menor esforço processual possível [por parte do tradutor]”.

A etapa de omissão e priorização de informações parece ser interessante para o tipo de estrutura abordado nesta pesquisa. Em um DP complexo com múltipla modificação em língua inglesa, por exemplo, o tradutor se depara com uma série de modificadores e, muitas vezes, tem de decidir quais são os mais relevantes e quais devem ser omitidos, uma vez que, em português, o excesso de modificação torna o texto cansativo e pesado.

Um exemplo desse tipo de estratégia foi demonstrado em um dos experimentos de Alves (1996), em que os sujeitos da pesquisa tinham de traduzir um trecho do alemão para o português. Ao analisar o sintagma *Die MS Kemnade, ein schmuckes, weißes Fahrgastschiff* (O MS Kemnade, um barco de passageiros enfeitado e branco) em alemão, percebeu-se que os tradutores ficaram reticentes em traduzir todos os modificadores e optaram por omitir pelo menos um deles, seja o referente à cor do barco ou à opinião do falante em relação ao barco. Este exemplo será mais bem explorado no capítulo 5, que relata as dificuldades de tradução.

Na sétima etapa citada por Alves – o aperfeiçoamento do texto de chegada –, o tradutor se vê diante da possibilidade de revisar o processo tradutório, de retraduzir, ou de melhorar alguma solução da qual não tenha gostado. Nessa etapa, o tradutor tem a chance de continuar aperfeiçoando o texto ou de dar a atividade por encerrada e transferi-la para o texto de chegada provisório.

O diagrama abaixo é uma reprodução do modelo de Alves (2000: 118). Os retângulos indicam as etapas do processo tradutório e os losangos, os momentos de tomada de decisão relacionada à tradução.

Para depreender o processo tradutório, é necessário um conjunto de perguntas e de respostas do tipo “sim” e “não”. Caso a resposta seja “sim”, a etapa

do processo tradutório é encerrada. Caso a resposta seja “não”, continua-se o processo, até que o tradutor se dê por satisfeito.

Alves (2000: 120) ressalta que o processo é totalmente individual. Cada tradutor irá percorrer o diagrama abaixo de uma forma diferente, ou seja, alguns poderão pular algumas etapas, outros poderão combiná-las de diversas maneiras. O importante é o próprio tradutor se conscientizar da forma como ele traduz, de modo que possa se aperfeiçoar e se tornar mais eficiente. Sendo assim, pesquisas que abordam o processo tradutório parecem ser fundamentais para a conscientização e o autoconhecimento do tradutor.

têm como objetivo final a obtenção de uma tradução condizente com o original e, ao mesmo tempo, correta do ponto de vista da língua-alvo. Muitos também mencionam a monitoração constante da atividade tradutória e alguns até representam uma espécie de monitorador, que ficaria responsável tanto pela monitoração da atividade tradutória como um todo (planejamento da atividade, controle do produto), como pelas etapas envolvidas na compreensão do texto-fonte (alerta para um possível problema) e produção e revisão da língua-alvo.

Fica claro que é a partir da tentativa de solucionar determinado problema que o processo tradutório fica mais visível para o pesquisador, além de mais consciente para o tradutor. Daí, a importância de se usarem ferramentas como o Translog©, o Camtasia© e o rastreador ocular para que seja possível observar e analisar as estratégias e os procedimentos e desvendar as principais características envolvidas no processo tradutório.

Deve-se ressaltar, no entanto, que poucos modelos abordam de modo explícito a questão de custo envolvido no processo tradutório. Lörcher (2003) e Alves (2000), este dentro do enquadre teórico da Teoria da Relevância, mencionam “o princípio de economia” e “o menor esforço processual possível”, o que indica que, possivelmente, as estratégias utilizadas pelos tradutores visam a minimizar o custo.

Mesmo assim, acredita-se que alguns dos modelos citados podem auxiliar a pensar em custo de processamento envolvido na tradução, na medida em que admitem que alguns processos e estratégias demandam menos do ponto de vista do processamento que outros. A discussão sobre custo de processamento será retomada no capítulo 6.

Para a presente pesquisa, os modelos mencionados acima servirão de base teórica e apoio, para que se possa tentar observar os procedimentos utilizados pelos tradutores ao traduzir DPs complexos, no caso do estudo realizado com tradutores experientes, ou escolher a opção de tradução mais adequada, no caso dos experimentos aplicados aos tradutores novatos.

Pensando na aplicabilidade dos modelos apresentados para esta pesquisa, será pertinente verificar se os DPs são tomados como unidades de tradução, se são traduzidos de forma automática ou se há bloqueio processual, sendo necessário recuperar informação da memória de longo prazo ou realizar consultas externas (o que pode ser sugerido por pausas longas sem movimento no teclado, registradas

no Translog© e pelo vídeo fornecido pelo Camtasia©). Além disso, será necessário observar se há reformulação das traduções inicialmente pensadas, quais são os tipos de mudança realizados e o que eles podem evidenciar sobre custo.

Cumpra salientar, também, que os modelos citados são de suma importância para se sugerir um modelo psicolinguístico do processo tradutório. No capítulo a seguir, será mostrado o que um modelo com essa proposta deve abordar.